



## PROTESTANTISMO EM REVISTA

---

São Leopoldo | v. 48, n. 01 | jan./jun. 2022

ISSN 1678-6408

**Coordenação Geral:** Oneide Bobsin

**Editor-Chefe:** Celso Gabatz

**Conselho Editorial:** Adriane Luísa Rodolpho (UFPel), Mary Rute Gomes Esperandio (PUCPR), Emil Albert Sobottka (PUCRS), Ricardo Willy Rieth (EST/ULBRA), Edla Eggert (PUC-RS), Iuri Andréas Reblin (EST).

**Comitê Científico desta edição:** Dr. Marcelo da Silva Carneiro (Universidade Metodista de São Paulo/ SP); Dr. José Neivaldo de Souza (Faculdade Batista do Paraná/PR); Dr. Gladson Pereira da Cunha (Centro de Ensino Superior Fabra/ES); Dra. Scheila Roberta Janke (Faculdade de Teologia Evangélica em Curitiba/PR); Kevin Willian Kossar Furtado (Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR); Dr. José Guibson Delgado Dantas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS); Dr. Cláudio de Oliveira Ribeiro (Universidade Federal de Juiz de Fora/MG); Dr. Vanderlei Dorneles da Silva (Centro Universitário Adventista de São Paulo/SP); Dr. Fabricio Veliq Barbosa (Universidade Federal de Minas Gerais/MG); Dra. Claudete Beise Ulrich (Faculdade Unida de Vitória/ES); Dr. Martin Dietz (Faculdades EST/RS); Dr. Noli Hahn (Universidade Regional Integrada, Campus de Santo Ângelo/RS); Dr. Rudolf Von Sinner (Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PR); Dra. Gisela Isolde Wächter Streck (Faculdades EST/RS); Dra. Laude Brandenburg (Faculdades EST/RS); Dr. Mauricio José Avilez Alvarez (Universidade da Integração Latino-Americana/PR); Drdo. Charles Klemz (Faculdades EST/RS); Dr. Marcelo Ramos Saldanha (Faculdades EST/RS); Dr. David Pessoa de Lira (Universidade Federal de Pernambuco/PE); Dr. Gerson Leite de Moraes (Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP); Dr. Silas Fiorotti (Faculdades Metropolitanas Unidas/SP); Dr. Osmar Veronese (Universidade Regional Integrada -Campus de Santo Ângelo/RS); Dr. Paulo Alfredo Schönardie (Polo Universitário Federal de Três de Maio/RS); Dr. Fábio Augusto Darius (Centro Universitário Adventista de São Paulo/SP); Dr. Jefferson Zeferino (Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP); Drdo. Luiz Temóteo Schwanz (Augustana-Hochschule, Neuendettelsau/ Alemanha).

**Editoração Eletrônica:** Ivan Kiper Malacarne.

**Revisão:** das pessoas autoras.

**Capa:** Marcelo Ramos Saldanha.

**Órgão Promotor:** Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST.

**Instituição Promotora:** Faculdades EST, Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho – Caixa Postal 14, CEP 93.001-970, São Leopoldo/RS.

**Endereço eletrônico:** pr@est.edu.br.

O respeito às normas ortográficas vigentes e às fontes, mediante sua correta referência, no espírito da honestidade intelectual são de responsabilidade dos autores e das autoras dos textos. Qualquer parte da publicação pode ser reproduzida desde que citada a fonte. Os textos aqui reproduzidos e as opiniões neles contidas são de inteira responsabilidade de seus autores e de suas autoras e não expressam necessariamente a posição da revista. As normas de publicação estão dispostas no site.

Copyright da edição: ©2022 Faculdades EST

## APRESENTAÇÃO

---

Vivemos em um tempo de extraordinário desenvolvimento das ciências e das tecnologias. É possível vislumbrar a fragmentação do conhecimento em incontáveis direções. Os benefícios advindos da pesquisa e dos experimentos são analisados, em grande medida, como sendo um indicativo para a força motriz do progresso. Por outro lado, esta realidade também acaba dificultando certas diretrizes que permitem a coexistência, a comunicação e a solidariedade. Ocorre uma separação dos seres humanos em grupos culturais condicionados pela linguagem, por determinados códigos de conduta e pela noção de um conhecimento particular. Ao que parece, a ciência e a tecnologia não têm conseguido desempenhar um papel unificador em torno da noção de cultura.

Cada indivíduo que, em algum momento de sua vida, já tenha se deparado com a leitura inebriante de clássicos como William Shakespeare, Vitor Hugo, Fiódor Dostoiévski, Johann Wolfgang von Goethe ou Fernando Pessoa, é capaz de assimilar com maior desenvoltura que as pessoas sentem-se comprometidas solidariamente quando capazes de exercitar a essência da partilha, independentemente de sua posição social, situação financeira, religião ou período histórico. Nada nos protege melhor da estupidez do preconceito, do racismo, da xenofobia, do sectarismo religioso ou do anacronismo político, do que a verdade recorrente na grande literatura: todos e todas são iguais. As diferenças étnicas, sociais, políticas, religiosas e culturais, constituem-se como sendo a maior riqueza do legado humano e, estimá-las como manifestação da multiforme criatividade humana, continua sendo o maior desafio da contemporaneidade.

Talvez ainda seja preciso aprender o que somos e como somos em nossa humanidade, com nossas ações, sonhos e adversidades. Tanto no espaço público como na privacidade de nossas consciências. A ciência não pode perder-se em si mesma. O conhecimento gerar insensatez. A tecnologia sufocar a busca pela equidade. É preciso preservar uma visão integradora e fraterna neste mundo tão machucado pela mentira e a incapacidade das pessoas exercitarem a bondade e a gratidão. É inadmissível que uma sociedade tão perspicaz em evocar suas prerrogativas legais quando algum de seus direitos patrimoniais é questionado, possa valer-se de mecanismos reacionários para subverter os valores que ela própria instituiu. Uma sociedade que, todos os dias, hierarquiza os seres humanos valendo-se, sobretudo, de indicadores econômicos, religiosos e culturais.

Esta realidade é bastante conhecida. Europeus, na idade média, não tiveram problemas em equiparar os indígenas a animais, dizimando-os. Qualificaram também os africanos como bárbaros ou primitivos, escravizando-os. Na tentativa de legitimar toda a sorte de segregação às mulheres, diversos concílios discutiram se elas teriam ou não uma alma. Para algumas religiões, aqueles que professam a sua fé são filhos e filhas, os demais, meras criaturas de Deus. Ora, se não são filhos de Deus, se não possuem filiação e proteção divinas, caso recusem a fé, são hostilizados e tidos como inferiores. Por vezes esta inferioridade é tamanha que as suas existências ofendem os “sagrados corações religiosos”, que reagem com torturas, perseguições, aniquilações. Basta lembrar o período das cruzadas, a inquisição, o nazismo com o extermínio de judeus, o fundamentalismo triunfalista da Al Qaeda ou do Estado Islâmico.

É a desumanização que consolida a morte, tanto no passado como no presente. Há tantos exemplos que seguem ampliando as incongruências históricas no desrespeito aos direitos fundamentais para uma convivência pacífica e harmoniosa. Não deixa de ser emblemático e absurdo que uma boa parte das nossas instituições educacionais não se sintam constrangidas com as mazelas e os dilemas do nosso tempo. Hoje, a passividade com que vemos a segregação dos negros, a discriminação dos pobres, o desprezo aos imigrantes, a demonização dos infratores, a subjugação das mulheres, o desrespeito às comunidades indígenas e a perseguição às religiões de matriz africana, condena-nos.

Aquele que se conforma com a injustiça sempre será tão ou até mais injusto do que aquele que a pratica. Somos, direta ou indiretamente, coautores da miséria moral em um tempo onde a comoção é subjugada pelo pragmatismo, pela racionalidade exacerbada, pela indiferença em nome de uma suposta “paz de espírito”. Parafraseando Francisco Azevedo, somos “criadores de nós mesmos, inventamos e reinventamos sem trégua, diariamente. A cada experiência, boa ou má, nasce outro eu de nossa própria autoria. Por instinto e vocação, todos nos concebemos, rascunhamos, passamos a limpo e apresentamos em público a versão que julgamos menos falha ou mais convincente”.<sup>1</sup>

Para além de certas perspectivas sublinhadas pela evolução humana, não raro, temos dificuldades em encontrar gestos de partilha diante de uma religiosidade difusa e um fanatismo exacerbado. Somos parte de uma sociedade acostumada com os subterfúgios da coletividade. É preciso, pois, lutar por novos ideais, abraçar as causas do bem comum e romper as zonas de conforto. Fazer da própria palavra um instrumento capaz de desmontar estruturas sociais perversas. É urgente nos dispormos a construir uma sociedade mais solidária, justa e sem tanto ódio.

Que as reflexões em mais uma edição de Protestantismo em Revista nos auxiliem a descortinar horizontes de diálogo, ampliando o conhecimento, valorizando aquilo que produz o bem comum, a justiça, o entendimento e a paz. Agradecemos a inestimável contribuição de tantas pessoas autoras que se dispuseram a compartilhar suas análises conosco. Que tenhamos uma frutífera leitura!

Fraternalmente,  
Prof. Dr. Celso Gabatz  
Editor-Chefe

---

<sup>1</sup> AZEVEDO, Francisco. *O Arroz de Palma*. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 124.